FUNÇÃO: PASSADOR

Colette Chouraqui – Sepel

Houve um tempo, no curso de minha análise, em que eu colocava que os trabalhos clínicos, os quais apresentava, regularmente, no círculo de meus colegas mais próximos, mereciam ser expostos a um público maior. Eles testemunhavam de minha preocupação enquanto clínica e do desejo de transmissão que me animava; eles se tornavam, assim, um material de troca, ensino que assinalava minha transferência de trabalho com a Escola. Nesse contexto, eu pedi minha entrada na ECF e fui admitida.

Depois veio um outro tempo, o do fim de análise. Eu tinha dado forma, construído, depurado e reduzido esse caso clínico que era o meu. Ele se encontrava transformado em material transmissível de que se podia, como de tudo o mais, fazer ensino. Eu fiz o passe e fui nomeada... passadora!

Essa nomeação que surgiu, donde eu não a esperava, abriu, então, um terceiro tempo, inaugurado pela surpresa e continuado numa espécie de alegria. Eis que eu me encontrava passador e a preocupação clínica, assim como o desejo de transmissão que me acompanhavam, ainda e sempre, regozijavam com isso.

O que é pois um passador? Lacan o definiu como esse "psicanalisante no passe" e, também, como esse outro que, como o passante, *"o é ainda, esse passe"* (1). Estar e o ser, dois acentos que eu escutei na resposta do cartel: um lugar, uma tarefa. Assim, eu era nomeada, sem título, para uma função num dispositivo, eu me encontrava passador em função, fazendo função de passador, o que não deixava de me lembrar esses dois momentos em que psiquiatra balbuciante, depois analista

iniciante, eu tinha exercido a função de interna e depois de analista, encarnando, de certa maneira, uma suposta competência, na espera de um título que a autentificaria. Mas exercer a função de não é estar em função. Não se trata mais, aí, da função em seu sentido de semblante, mas de suas duas outras ocorrências. O passador em função, quer dizer, no exercício de sua tarefa, é também essa própria função, no sentido matemático que faz com que se correlacionem passante e cartel. Ele é, assim, a articulação, o pivô, a correia de transmissão, na junção dos dois tempos que constituem o dispositivo do passe.

O que ele faz? Ele acolhe, da própria vivência de seu passado, o testemunho que um passante veio depositar (2); fazendo isso, ele permite que este testemunho se destaque do passante e se transforme em objeto – testemunho. Desse testemunho, que ele fez advir, ele agora se encarrega. Por sua vez, é preciso que ele o leve até o cartel e o deposite lá. Este depósito, duas vezes depositado, duas vezes decantado, o cartel saberá acolher.

Como o passador opera? Eu concebi sua operação como a apreensão do fio lógico da deposição do passante. Esse fio, sozinho, permite à deposição se tornar demonstração, por meio de uma construção que só é convincente se ela disser respeito ao real do gozo do sujeito passante (3). Tal é o material do qual acreditei dever, como passador, fazer-me antes de tudo o veículo, depois de ter sido seu filtro seletivo, e até mesmo o ativador. É o que procurei sem encontrar, sempre. Às vezes me foi necessário rastrear, desvelar, revelar esse material, ou mesmo suscitar sua emergência, supô-lo, fabricá-lo. Pareceu-me que eu não tinha outra liberdade.

Tradução: Rosângela Corgosinho

Referências Bibliográficas:
1. Lacan, J., "Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École", Scilicet, nº 1, Paris, Seuil, 1968, p. 26.
2. Idem, p. 27.
3. Morel G., "On ne badine pas avec la tautologie", La lettre mensuelle, nº 125, Paris, janvier 1994, p. 38.